

**O PROCESSO DE DERIVAÇÃO DE PALAVRAS
EM EDUARDO CARLOS PEREIRA
E EVANILDO BECHARA:
UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO**

*Izadora Thais Marinho de Andrade
Maria Lucia Loureiro Paulista*

1. Introdução

A historiografia linguística busca respostas em documentos escritos para tentar compreender o processo de evolução das línguas e suas possíveis mudanças conforme Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos e Palma (2004).

O desenvolvimento gradual das ciências da linguagem segundo Theodor Benfey (*apud* COUTINHO, 1976, p. 15-16) descobriu quatro fases bastante distintas, que estudam os fatos da língua e seu desenvolvimento até a atualidade. São elas a fisiológica, a filosófica, a histórica e a comparativa. O momento fisiológico é caracterizado pelos trabalhos dos gramáticos indianos, cuja preocupação era analisar minuciosamente os sons do sânscrito. Panini (cerca do século IV a.C.) foi o responsável pelo estudo do valor e do emprego das palavras, traçando as principais regras fonéticas e gramaticais dessa língua. Já na fase filosófica é demonstrada uma

preocupação dos pensadores gregos acerca dos estudos da linguagem. A natureza deste estudo era puramente filosófica, pois queriam saber como a linguagem era em si, e qual era sua origem, e como era sua relação entre a palavra e a coisa estudada, ou seja, “se a linguagem foi criada pela natureza ou por meio de uma convenção”. O *Crátilo* de Platão demonstra essa preocupação filosófica. (LEROY, 1971, p. 18-19).

Conforme Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 16), a fase histórica da gramática, denuncia a existência de trabalhos que tendem a explicar a origem e as transformações sucessivas de uma língua. E só imobilizam os chamados idiomas *mortos* ou *extintos*, pois as outras *vivas*, línguas faladas, e ou escritas, estão em contínuo movimento. Sendo então a gramática comparativa, instrumento para estudo que busca explicar as diferenças consideráveis dos fatos gramaticais, e ou, linguísticos.

Ismael de Lima Coutinho por meio de seus conceitos de língua (linguagem particularmente usada por um povo) e linguagem (conjunto de sinais de que a humanidade intencionalmente se serve para comunicar suas ideias e pensamentos) nos apresenta os objetos teóricos de ordem gramatical que resulta na análise dos processos de derivação das palavras de seu texto intitulado *Discurso do Dia da Bandeira*. A intenção da análise é penetrar na estrutura da produção literária de Ismael de Lima Coutinho e fazer um contraponto entre as gramáticas de Evanildo Bechara e Eduardo Carlos Pereira.

Segundo Miguél Eugenio Almeida (2007, p.18), a relação entre a historiografia linguística e a história apresenta pontos de

contato mediados pela linguagem, que se encarrega de fazer a ponte. A proposta de análise do texto *Discurso do dia da Bandeira* nos remete ao fato histórico da Proclamação da República Federativa do Brasil, o qual contribui para a contextualização historiográfica da obra de Ismael de Lima Coutinho, em que demonstra a vida social e política da nação brasileira em um determinado espaço de tempo, um quadro existente e registrado por meio de dados linguísticos, e ou, históricos. Ismael de Lima Coutinho faz um diálogo da ciência linguística (gramática histórica) com a história do Brasil, mostrando a importância da história que inspira a historiografia linguística no sentido de buscar a memória na gramaticografia vernácula através de fatores documentais, com a intenção de denunciar os anseios de um povo, os seus ideais, políticos, sociais, públicos e de liberdade.

A penetração da estrutura da obra, segundo os princípios Ernst Frideryk Konrad Koerner (1996), afirma Miguél Eugenio Almeida (2007, p. 21-23), permite um diálogo imprescindível para análise do objeto. Momento em que ocorre uma interdisciplinaridade entre os elementos de reflexão das ciências correlacionadas; permitindo a busca da reconstrução e elucidação do passado que acontece por meio dos registros da língua no decorrer da história. A metodologia desenvolvida sobre o princípio da *imanência* e *adequação* provoca um entrelaçamento entre o passado (na gramática de Eduardo Carlos Pereira) e o presente (na gramática de Evânildo Bechara).

Buscar na historiografia linguística os processos de derivação na formação de palavras ocorrentes na gramática (Morfologia) no texto de Ismael de Lima Coutinho, é buscar na história a identi-

ficação cultural de um povo que celebra a liberdade. A seguir, tratamos dos aspectos morfológicos em Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara na obra *Discurso do dia da Bandeira* de Ismael de Lima Coutinho.

2. Aspectos morfológicos em Eduardo Carlos Pereira

Eduardo Carlos Pereira, na condição de educador, exerceu por meio de sua *Gramática Expositiva*, a formação de muitos alunos em nível básico, cumprindo o papel social da língua.

Nessa obra nota-se um predomínio de aspectos gramaticais expostos de maneira didática seguidos de exercícios práticos. A natureza da gramática demonstra estar a serviço do recurso didático para o ensino da língua portuguesa, amplamente percebido pelos exercícios de fixação. Desse modo, fixar as noções e os elementos de gramática torna-se um meio prático de assimilação da proposta apresentada. Como o próprio autor ressalta em seu prólogo:

Quanto ao nosso método expositivo, dous princípios nos serviram de fio conductor através da multiplicidade e mobilidade dos fenômenos grammaticales: a) não partir a grammática em pequenos, multiplicando ao extremo as divisões e subdivisões com grave detrimento da clareza; b) classificar factos e prendel-os na unidade de um todo harmônico. (PEREIRA, 1907, p. 1)

Para Eduardo Carlos Pereira cabe a morfologia estudar a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua ideia ou significação. “As diversas modalidades morfológicas podem ser estudadas em duas partes denominadas: taxionomia e etimologia”. (PEREIRA, 1907, p. 14)

A primeira refere-se às diversas classes de palavras e suas propriedades em relação à ideia que exprimem, já a segunda estuda a origem e a formação do léxico, isto é, do vocabulário da língua.

[...] O português é a transformação do latim popular, através de 2.000 anos mais ou menos. A conquista da Península Ibérica pelos romanos, 200 anos antes Pereira, determinou a evolução lenta do latim popular ou castrense (castra = quartéis) falado pelos soldados das legiões conquistadoras, e modificado paulatinamente, em seus sons e formas, pelas populações conquistadas, até constituir-se da bela língua que serve de veículo aos nossos pensamentos. (PEREIRA, 1907, p. 155)

O vocabulário do latim vulgar foi prodigiosamente ampliado, no decurso de sua evolução histórica de três modos: por derivação e composição popular, por formação erudita ou por importação estrangeira, nesse caso a gramática expositiva estuda apenas os processos de derivação e composição (PEREIRA, 1907, p. 156), a derivação se classifica em própria ou imprópria (*Idem, ibidem*).

A derivação própria faz-se por meio de sufixos que aglutinados ao tema das palavras primitivas que lhes modifica a significação, determinando-a, por exemplo: *guerr+a*, *guerr+ear*, *guerr+eiro*, *guerr+ilha*, os sufixos têm significação própria, pois trazem sentido à palavra primitiva, porém este valor significativo essa vida própria só se revela em conjunção com o tema. Separado do tema o sufixo não tem vida própria esses podem ser nominais ou verbais, aqueles formam nomes substantivos ou adjetivos e estes verbos.

Chama-se derivação imprópria, a mudança que sofre a palavra no sentido ou na categoria gramatical sem a intervenção de sufixos. Dessa maneira, formam-se substantivos, adjetivos, preposições, advérbios, conjunções e interjeições. (PEREIRA, 1907, p. 156-157)

Os prefixos, quanto a sua origem, são vernáculos, gregos ou latinos. Vernáculos são os prefixos latinos que tiveram sua forma modificada. Exemplos: *bem=bene*, *em=in*, os latinos são os prefixos que conservaram suas formas primitivas intactas. Exemplos: *inter*, *intro*, *supra*. Gregos são geralmente partículas antepostas a palavras da mesma língua. Exemplos: *a*, *anti*, *an*. (*Idem*, p. 171)

O que podemos presenciar na obra de Ismael de Lima Coutinho é a existência de várias palavras formadas a partir do processo de derivação. No âmbito morfológico, o texto do autor serve de instrumento para análise das já citadas ocorrências oriundas dessa formação, pois exprime a gramática nele contida.

Além disso, ele leva o leitor ao contato com os escritores, para que estes sirvam de modelo de expressão da língua vernácula. Impressiona-nos a capacidade do autor Ismael de Lima Coutinho ao mostrar a riqueza da expressão da língua em seus escritos como orador, já naquela época, facilitando e criando uma maior compreensão do funcionamento e do uso dos processos de formação das palavras.

Ressaltamos um dos méritos do autor que é a exploração de vários vernáculos eruditos. Sendo ele professor, gramático e filólogo, facilitou o trabalho com as questões de gramática pertinentes ao processo de derivação.

Nota-se em sua obra um zelo pela língua, até mesmo por conviver em um meio de efervescência acadêmica. Entendemos assim que o momento de produção das obras desse autor é pertinente aos valores de educação tradicional, que enaltece a forma em detrimento à fala. Portanto, podemos dizer que Ismael de Lima Coutinho enfatiza o bem falar e o bem escrever. Notamos isso quando ele compõe seu discurso destinado ao dia da bandeira:

Aqui estamos gloriosa Bandeira Nacional, com os olhos fitos na policromia do teu tecido, contemplando, cheios de desvanecimento, o teu perfil augusto. Sentimos verdadeiros estremecimentos de júbilo, quando, no tópo dos mastros ou à frente dos batalhões, te espanejas aos ósculos da brisa ou às carícias do sol, difundindo esperanças e espalhando bênçãos. (PEREIRA, 1907)

Assim percebemos que o texto possui uma natureza que evidencia sua boa escrita de modo especial, há, todavia, um poder político que determina uma política de língua uma vez que esta é uma instituição social evidenciada nos termos eruditos utilizados pelo autor. Eduardo Carlos Pereira e Ismael de Lima Coutinho possuem praticamente a mesma orientação didática para suas obras, pois seguem o modelo da tradição clássica norteado pelo uso padrão da língua.

3. Aspectos do processo de derivação em Evanildo Bechara

Evanildo Bechara, na 37ª edição de sua *Moderna Gramática Portuguesa*, aponta-nos um estudo permeado por um arcabouço teórico. Nota-se tratar-se de uma obra voltada ao magistério e à pesquisa em que se apontam sugestões ou temas de reflexão para a melhoria do ensino gramatical normativo em nossos compêndios

escolares. Este modelo de gramática traz uma disposição da matéria conforme o modelo tradicional, porém, com um tratamento novo para muitos assuntos importantes encarados por outro prisma por que a tradição propunha.

Vários objetivos são ressaltados, no que tange à estruturação dos vocábulos e a sua formação. Pretende-se trazer para a gramática portuguesa uma preocupação de uma científica descrição sincrônica da gramática normativa. A leitura da obra acima permite o encontro de fundamentos que alicerçam o conhecimento reflexivo da língua portuguesa.

Para Evanildo Bechara, as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. O primeiro deles é mediante utilização dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua. (BECHARA, 2009, p. 294)

Além disso, entre os procedimentos formais temos, assim, a composição e a derivação (prefixal e sufixal). Outra fonte de revitalização lexical são os empréstimos e calcos linguísticos, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim – que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar. (*Idem, ibidem*)

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, para a gramática merecem atenção especial a composição e a derivação tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Derivação – consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não ouro), *capilar* (e não cabelo), *aurícula* (e não orelha) etc.

Os afixos se dividem, em português, em prefixos (se vêm antes do radical) ou sufixos (se vêm depois). Daí a divisão em derivação prefixal e sufixal.

Derivação sufixal: *livraria, livrinho, livresco*.

Derivação prefixal: *reter, deter, conter*. (2009, p.299).

Evanildo Bechara não destoa muito da posição de Eduardo Carlos Pereira que vê a gramática norteada pelo uso padrão e compreendendo um estudo sistemático da língua portuguesa para o domínio da língua dita clássica do educando. Esse posicionamento fica claro quando ele diz:

Difícilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias. (2005 p.7)

Diante do exposto, verificamos que as duas gramáticas não diferenciam profundamente uma da outra quanto à orientação didática para o ensino padrão da língua vernácula. O que realmente interessa a eles é o domínio padrão por diferentes nuances.

Evanildo Bechara avança substancialmente no aspecto de descrição da língua, devido ao legado de estudos linguísticos em geral. À medida que os estudos linguísticos avançam, as gramáticas vão incorporando cada vez mais dados descritivos. Sem dúvida, a proposta de Evanildo Bechara (2005) é apresentar um modelo que contemple satisfatoriamente a descrição das ocorrências da língua voltada para relação entre forma e conteúdo.

Ao contrário do estilo de Eduardo Carlos Pereira que dá ênfase à memorização com exercícios de fixação, a tendência de Evanildo Bechara procura incorporar métodos de ensino que enfatizam o desenvolvimento da capacidade do “aprendiz” para construção do seu próprio conhecimento por meio do raciocínio.

Para os estudos historiográficos, Evanildo Bechara e Eduardo Carlos Pereira contribuem de forma significativa, embora, em épocas distintas, podemos afirmar que os dois agregam muito para o ensino da língua vernácula quando discorrem suas posições referentes à linguagem, língua e gramática.

4. Análise das ocorrências morfológicas

Quanto aos aspectos morfológicos, não há entre Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara nuances diferenciadoras, pois ambos apresentam, praticamente, a mesma noção. O que nota-se é

uma diferenciação na abordagem da apresentação dos conceitos entre as gramáticas.

Com relação à Eduardo Carlos Pereira, o processo de formação de palavras (derivação) em quase todo seu aspecto permanece no mesmo espaço de tempo que nos referimos, ele conceitua esse processo de forma a compactuar com os conceitos de Evanildo Bechara, ilustrando muito bem a forma de abordagem utilizada por ele.

Diante do exposto é possível afirmar que não há igualdade nas abordagens dos gramáticos em questão.

Evanildo Bechara declina em definições, subdivididas em conceitos menores, repartindo em casos especiais, especificando parte por parte do processo de derivação.

Não pretendemos esgotar as abordagens, uma vez que as ocorrências nesse período entre Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara (mais moderno) foram poucas, mesmo que passadas por uma grafia mais moderna, sua morfologia (estrutura) perpetua.

Notamos que a estrutura adotada por Evanildo Bechara, no período moderno, rompe com um estilo objetivo e didático ao qual se destinava a obra de Eduardo Carlos Pereira. Percebemos em ambos uma preocupação em trazer a gramática para um contexto mais próximo e pertinente à língua, torná-la acessível, cada um a seu método, porém com igual finalidade. Evanildo Bechara avança

consideravelmente comparado a Eduardo Carlos Pereira a detalhar conceitos de derivação em sua descrição.³

Para tanto estabelecemos algumas comparações com os conceitos dos autores supracitados. Procuramos encontrar relação entre as duas gramáticas objetivando alterações no léxico ou não e apontando modificações caso as encontrassem, estabelecendo um contraponto entre suas teorias. Passemos à análise:

a) **“Com a alma genuflexa, a rememorar”** (l. 7).

Aqui estamos, com a alma genuflexa, a rememorar, no dia consagrado ao teu culto, a tua história moça, de cinco séculos apenas, mas cheia de lances épicos, numa determinação clara de que o esplendor de uma civilização não se afere pelos poucos anos da existência de um povo.

Segundo Eduardo Carlos Pereira, no exemplo, aparece o processo de formação de derivação prefixal e sufixal quando ocorre o acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva, ele classifica o sufixo *AR* como derivativo para temas nominais (substantivos). Sobre esse processo se revela a flexibilidade e a riqueza da língua (PEREIRA, 1907, p.163). Em contraponto, Evanildo Bechara aponta para uma classificação de sufixo designativo para verbos provenientes de substantivos já existentes (2009, p. 295).

³ Apresentamos nos tópicos anteriores às partes que compõe as obras de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara, portanto passaremos a fazer aqui algumas considerações pertinentes à gramática em uma análise das palavras, aplicadas à obra: “Outros textos” do escritor Ismael Coutinho disponível em: http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_orador/indice. (Acesso em: 08/06/16).

Para ambos, o prefixo *RE* traz consigo a ideia de reforço, repetição (PEREIRA, 1907, p.177), (2009, p. 298). Esse processo é responsável pela formação de verbos, de base substantiva ou adjetiva, Evanildo Bechara (2009, p. 299). Nota-se a permanência de noções gramaticais até hoje atribuindo continuidade aos vocábulos.

b) **“Refulgem vultos homéricos”** (l. 11).

Em tuas dobras, por mais que avaramente os guardes, refulgem vultos homéricos de heróis, anônimos uns, já consagrados pela justa fama outros, que morreram no cadafalso, ou que se sacrificaram generosamente nos campos de batalha, para que pudesses representar uma pátria livre.

Eduardo Carlos Pereira traz uma preocupação com uma explanação didática e objetiva, o prefixo *RE* traz consigo a ideia de reforço, repetição. (PEREIRA, 1907, p.177).

Evanildo Bechara em sua gramática traz uma nuance mais detalhista, apresenta-se nessa análise o processo de formação chamado de derivação prefixal em que há o acréscimo de prefixo à palavra primitiva (re+fulgir) formando uma nova palavra atribuindo a ela um novo significado. Neste caso forma-se o verbo refulgir que significa resplandecer, brilhar e o exemplo está flexionado na 3ª pessoa do plural. (Bechara, 2009, p. 299).

Encontramos em ambos a mesma definição para o processo de formação, contudo, em Eduardo Carlos Pereira de forma simplificada e, em Evanildo Bechara, de maneira avançada na sua explicação funcional.

c) **“amordaçar a manifestação”** (l. 48).

Senão porque és uma garantia segura de liberdade e redenção. Onde o despotismo assente a sua tenda, para enclausurar o direito e amordaçar a manifestação da consciência livre, aí te alças, Bandeira da minha terra [...], para restituir ao povo escravo o direito sagrado à liberdade.

Eduardo Carlos Pereira apresenta-nos o prefixo *A* como aquele que dá ideia de apartamento, separação, porém também pode designar aproximação, proximidade ou tendência (PEREIRA, 1907, p. 171 e 173). Ele não traz nenhuma informação à respeito desse processo de formação de palavras.

Evanildo Bechara, em sua gramática, faz referência ao processo de derivação prefixal e sufixal como sendo a ocorrência no exemplo (a+mord+aç (ar)) a fim de formar um novo verbo designativo de ação contínua. (2009, p.298).

Percebemos que não houve uma modificação quanto ao processo de formação de palavras, permanecendo com os mesmos conceitos.

d) **“Desvanecedoras”** (l. 67).

Por tudo isso, Bandeira da minha terra, é que aqui hoje nos congregamos em torno do teu altar, solidários contigo assim nos bons como nos maus dias, para te prestar esta homenagem que bem mereces pelo teu passado repleto de glórias, pelo teu presente pleno de realizações, pelo teu futuro cheio das mais desvanecedoras esperanças.

Diante do exposto, nota-se que em Eduardo Carlos Pereira há uma classificação do prefixo *des*, comumente, anteposto a ver-

bos e que nem sempre possui valor negativo, pois em alguns casos traz ideia de intensidade, porém, não faz nenhuma referência ao processo de formação sufixal. (PEREIRA, 1907, p. 175)

Em uma análise, segundo Evanildo Bechara, há concretização de uma derivação prefixal (*des+esvanecer* ou *esvaeecer*) formando outro verbo de mais intensificação devido ao prefixo que remete essa ideia. (2009 p. 304),

Percebe-se que, embora trabalhem com os mesmos conceitos, cada um classifica o processo de formação sob óticas diferenciadas. Assim, algumas adaptações relacionadas a esse tema tenham sido feitas, não houve comprometimento para o sentido das palavras.

5. Considerações finais

É pertinente observarmos que ao longo desse trabalho percorremos um caminho em busca de um estudo historiográfico a partir da obra didática de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara. Observando a posição atual desta para que pudéssemos mostrar os pontos de continuidade na Língua Portuguesa, ou seja, a manutenção de noções gramaticais, em geral, que continuam presentes ainda hoje e daquelas que poderiam ter sofrido alterações (em seu processo de formação) consideráveis e necessárias para o entendimento da gramática de Evanildo Bechara. Assim, mostramos aspectos gerais pertinentes à morfologia confrontados com as gramáticas de Eduardo Carlos Pereira e Evanildo Bechara em uma perspectiva historiográfica.

A derivação, no âmbito temporal, sofreu poucas mudanças o que caracteriza que, muitas vezes, as alterações nem sempre correspondem à demarcação cronológica dos estudiosos da língua.

A análise do processo de derivação das palavras a partir do *corpus* em contraposição às obras permitiu observar os conceitos a respeito de um mesmo processo de formação pela concepção de um gramático antigo e outro contemporâneo, fazendo-nos passar pela historiografia da nossa língua portuguesa.

O texto *Discurso do Dia da Bandeira* apresenta poucas ocorrências modificadoras no que tange ao processo de formação das palavras. Observa-se que as palavras incorporam-se etimologicamente ao português do século XXI e nos faz perceber que grande parte do nosso léxico compreende ao processo de formação prefixal e sufixal, confirmando que nos dias de hoje a língua latina ainda serve de aparato lexicológico para a criação de vocabulário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguél Eugenio. *Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino da língua português: um estudo historiográfico*. 2007. Tese (de doutorado). – PUC/SP, São Paulo <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/14454/1/Miguel%20Eugenio%20Almeida.pdf>>.

BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (Orgs.). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, Ivanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro. 37. ed. Nova Fronteira e Lucerna, 2009.

COUTINHO, Ismael. *O orador*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/o_orador/index.htm>. Acesso em: 06/0/2016.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo. Parábola, 2006.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 45, 1996.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LOBO, Luiza. A voz espiritual de Ismael de Lima Coutinho. In: COUTINHO, Ismael. *Silhuetas*. Edição, apresentação e notas de José Pereira da Silva. Prefácio de Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Botelho, 2011, p. 9-26. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/homenageados/ic/cd/silhuetas/a_voz_espiritual_LUIZA.html>. Acesso em: 14/06/2016.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo. Weszflog irmãos e Co, 1907.